

A PANDEMIA DA COVID-19 E A CRISE DO CAPITALISMO

Por **Marcelo Gonçalves Marcelino e Geraldo Balduino Horn**

No capitalismo ultraliberal onde o Estado está capturado pela classe dominante e em consonância com as corporações transnacionais totalitárias impõem suas doutrinas e estratégias de ações de ampla reprodução do capital a vida dos cidadãos está permanentemente ameaçada. A frase que remete uma reflexão me parece adequada na atual conjuntura: "a Covid 19 não escolhe classes sociais". O vírus em si evidentemente não, mas certamente os mais ameaçados são o grande número de desvalidos, trabalhadores precarizados e todos aqueles não citados que por alguma razão estão excluídos de mínimos sistemas de proteção sociais.

A pandemia universal da Covid-19 acirrou ainda mais o debate secular acerca das ideias econômicas e evidentemente das estratégias de organização do sistema capitalista mundial e do próprio sistema político e social macro estruturante onde o Imperialismo capitaneado pelos EUA tem a sua hegemonia contestada.

O século XX marca a ascensão do capitalismo monopolista de Estado e as disputas pela hegemonia no Imperialismo. A primeira grande guerra, a construção do modelo socialista capitaneado pela então União Soviética e a crise do capitalismo liberal demarcam uma fronteira de espaços complexos de luta e processos imbricados de dominação em uma nova fase geopolítica universal.

A economia política está em disputa no sentido ideológico e concreto onde o liberalismo clássico sofre uma derrota avassaladora, o marxismo inspira modelos rígidos de planificação acelerada e o keynesianismo serve de alicerce intelectual e de modelo de ação estratégica no rearranjo das forças produtivas e no plano político institucional.

Da década de 1980 em diante o neoliberalismo se tornou o maior vírus que enfrentamos no sentido do avanço da macroestrutura da exploração capitalista onde tecnologias avançadas, Estado mínimo a serviço da dominação imperialista do "Consenso de Washington" e financeirização global atingem um contingente colossal da população universal de forma predatória.

O capitalismo no seu estágio atual em tempos de Pandemia expôs de forma mais nítida a sua natureza e organicidade perversa em níveis de exploração das forças produtivas e da produção de uma legião de excluídos no sistema social e político de representação

Com a intensificação da crise pandêmica universal o neoliberalismo apresenta ao mundo a sua face mais totalitária e ultrajante onde as coerções institucionais e o

viés brutal da dominação do aparato mega empresarial estatal são cada vez mais percebidos na prática com a emergência da vida.

O momento atual coloca o debate sobre o futuro da sociedade na mesa onde a salvaguarda keynesiana e chamada às pressas para socorrer a sociedade, mas principalmente o próprio capitalismo. Na raiz da questão Marcuse chama a atenção para a profundidade do pensamento de Marx ao desenvolver a construção do capitalismo como um processo histórico materialista e dialético onde as contradições apontadas por Marcuse são a base de sua teoria e de toda uma escola do pensamento econômico a partir de Marx.

A burguesia transnacional aceita as condições impostas pela Covid - 19 no sentido de reorganizar as formas de simbiose entre a reconfiguração do sistema capitalista e as salvaguardas político institucionais dos Estados no sentido de acordar menos ganhos no projeto de expansão capitalista em relação ao pacto social de mediação que conduza a repartição maior da acumulação nesse momento de crise sistêmica.

Lembrando que isso ocorre em oposição aos interesses da classe dominante, mas que são percebidos como uma necessidade perante a crise que ameaça o próprio sistema em si. Geralmente as condições impostas pelas corporações e pelo Estado dirigente vão na direção da acumulação e reprodução ampliada do capital onde o processo de dominação necessita atuar incessantemente.

Os EUA representam a face mais nítida dessa discussão onde mesmo países ricos e hegemônicos colocam a sua população reféns das políticas básicas de saúde e assistência social sendo que somente a cidade de Nova Iorque bateu um recorde de mortes num só dia na casa de duas mil.

Se para o capitalismo ultraliberal a intervenção keynesiana pode ser aceita nesse momento é porque a crise da Covid - 19 colocou em xeque a continuidade do processo de acumulação e reprodução do capital, além do poder de controle da burguesia em um sentido mais amplo, isto e, mesmo com a intervenção estatal com seu aparato de segurança e seguridade acionados.

O Sísifo de abril/2020 analisa, a partir de diferentes abordagens filosóficas e sociológicas, a relação entre a Covid-19, a crise do modelo capitalista e a necropolítica. A primeira matéria apresentada, de **Henrique Breviglieri**, apresenta a crise da Covid-19 como possibilidade de ruptura e fracasso das tendências geopolíticas dos últimos anos. Já **Lafaiete Neves** traz uma reflexão crítica sobre os impactos da Covid-19 nas políticas neoliberais. Por fim, **Kelly Pereira de Oliveira** problematiza, no contexto da crise provocada pela pandemia, a ausência de políticas públicas para as mulheres.

Boa leitura!

A CRISE DA COVID-19 COMO RUPTURA E FRACASSO DAS TENDÊNCIAS GEOPOLÍTICAS DOS ÚLTIMOS TEMPOS

Por Henrique Breviglieri

É de se impressionar e de causar medo nos analistas especializados e na população que possui um exame crítico das tendências sociais de seu tempo os movimentos sucessivos e incessantes de ascensão de ultranacionalismos da extrema-direita em todo o mundo, conduzindo à formação de partidos e lideranças com uma mentalidade moral retrógrada e uma proposta político-econômica ultraliberal que alcançaram a hegemonia política, em discursos populistas apelativos ao saudosismo e às principais carências das massas, em países nas américas, na Europa, na Ásia, na Oceania e em parte da África.

Neste exato momento, em que a propaganda de diminuição do Estado, de isenção de Poder Público, de mitigação dos movimentos coletivos e de uma supremacia exagerada do âmbito individual ganhava força abundante, na “Sociedade dos Indivíduos”, como chamaram Norbert Elias e Zygmunt Bauman, uma mutação genética de um vírus que foi identificado há seis séculos causou o colapso de todo esse paradigma e asfixiou (com falta de respiradores mecânicos) as tendências ultraliberais em ruína – que já era esperada, mas obviamente não com essa causa de morte.

Durante as últimas décadas, após a divulgação das propostas político-econômicas da “Escola de Chicago” (fincadas em filosofias sociais pueris e extremamente frágeis, que não se sustentariam nem à ironia socrática nem à ingenuidade de crianças curiosas descobrindo como as coisas funcionam no mundo), uma ideologia de construção de um livre-mercado, globalizado na predatorialidade dos países de capitalismo periférico sofrida pelos países de capitalismo central, porém protecionista nas posições morais xenofóbicas e nacionalistas deturpadas, convencia as massas de que o Estado e o Poder Público eram os grandes inimigos da sociedade, havendo neles os piores agentes e as práticas mais nefastas de corrupção.

A consequência dessa mentalidade era a adoção de duas palavras de ordem: “austeridade” e “privatização”. Com a redução de gastos públicos, supostamente as economias poderiam se recuperar das crises, especialmente as previdenciárias, e a população toda se beneficiaria com essa recuperação; muito embora, não se tenha falado em equalização da carga tributária com o novo planejamento de investimento social altamente moderado. Como o Estado foi demonizado e a população descreditou dos agentes públicos, a privatização seria a chave para uma pretensa “limpeza” das instituições que estavam sob administração pública; ainda que a privatização incorresse em alienação de patrimônios nacionais para o mercado financeiro, no qual os

concentradores de bens que deveriam ser partilhados surfam despreocupados com qualquer coisa que não seja os seus negócios.

A crise da COVID-19 reafirmou o papel do Estado na garantia dos direitos civis aos cidadãos, forçou os países a se reaproximarem e fez com que chefes de estados, como Donald Trump e Boris Johnson, mudassem suas condutas e seus discursos de um modo que nem parece se tratar das mesmas pessoas.

As liberdades individuais são fundamentais em uma república democrática, mas até elas são ameaçadas quando o espaço público é esvaziado, a verdadeira política perde o sentido e o Estado se isenta de seus compromissos.

Os empresários e os principais agentes econômicos do mundo têm demonstrado esforços muito tímidos e contidos para garantir a proteção dos cidadãos de suas nações (mas o clima não era de efervescência nacionalista?). No Brasil, não apenas as grandes corporações não têm agido como se esperava diante de uma crise de tais proporções, como têm feito movimentos escandalosos de retomada das atividades produtivas e comerciais, ameaçando, inclusive, interromper o pagamento de impostos – sabendo dos estragos que uma imobilização tributária e um enfraquecimento das receitas dos municípios, estados e do país gerariam, em um momento em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) clama para que as nações lancem mão de todos os recursos possíveis para conter a disseminação da pandemia e prestar assistências aos mais vulneráveis em suas organizações sociais. Não há como não pensar na “Luta de Classes”, que Marx e Engels indicaram como o motor da marcha dialética da história, e no termo “Elite do Atraso”, cunhado pelo professor Jessé Sousa ao versar sobre o “racismo culturalista” que está impregnado na identidade social que as elites incutiram na população.

Para quem esperava que o “livre-mercado”, direcionado pela “mão-invisível” do Estado e pela lei de oferta-demanda, poderia gerar desenvolvimento social, eis o fracasso. Não é incomum vermos produtos altamente demandados no momento de enfrentamento da COVID-19, como álcool-gel, sofrerem hiperinflações (que eu saiba, de até 160% no preço original). Essa é a contribuição das elites (fina ironia).

Quando as tendências individualistas, de realizações pessoais isoladas ou em grupos muito restritos, não deixavam lugar para a comunhão, a solidariedade e o esforço coletivo tornaram-se os únicos meios de salvação.

CONVID-19 IMPACTOS NAS POLÍTICAS NEOLIBERAIS

Por Lafaiete Neves

O Estado neoliberal acabou dominando o conjunto das economias centrais e periféricas capitalistas desde meados do século passado. Houve resistências como movimentos contra tais políticas, mas não lograram êxito, dado o nível do aprofundamento da crise econômica e social capitalista, desde meados dos anos de 1990. As consequências sociais na Europa foram profundas com o fim dos direitos trabalhistas e previdenciários, saúde e educação pública, aceleração do desemprego, precarização do trabalho e da renda, atingiram toda a periferia do capitalismo, incluindo o Brasil.

A América Latina viveu o impacto das políticas neoliberais. No Brasil, a eleição em 2018 de Bolsonaro pelo inexpressivo PSL (Partido Social Liberal) que defendia as políticas de privatizações das empresas públicas, com as reformas trabalhista e da seguridade social, com a defesa de menos Estado na economia. No caso do Brasil e Paraguai, tais eleições foram precedidas de golpes, com estratégias de combate à corrupção para derrubar presidentes democraticamente eleitos e assim facilitar na sequência a vitória de candidatos de direita defensores das políticas neoliberais. A rigor, essa tese de combate à corrupção sempre foi uma tese defendida pela direita no Brasil, desde os anos de 1950, com a UDN (União Democrática Nacional), depois com a eleição de Jânio Quadros (1960) com o slogan "Varre, varre vassourinha", Fernando Collor de Mello, em 1990 (Caçador de Marajás) e Jair Messias Bolsonaro em 2018. Essa é uma tática exitosa da direita para esconder as reais mazelas da sociedade brasileira, a desigualdade social criada por essa própria elite, que mantém milhões de brasileiros na miséria e na ignorância para serem manipulados politicamente. O combate à corrupção deve ser um princípio para todos e não uma estratégia de campanha eleitoral.

Agora, a história dá uma tremenda reviravolta com a pandemia do COVID-19, que eclode num período de grande crise econômica, com governos neoliberais que prometiam o paraíso do livre mercado e jogaram as economias capitalistas na sua maior crise desde 1929. O reino do mercado livre tornou os homens e mulheres mais explorados nas pequenas, médias e grandes empresas, gerou uma queda generalizada no produto interno bruto (PIB) de todos os países capitalistas, trouxe a super exploração da força de trabalho, o trabalho precarizado, intermitente, acaba com o emprego estável, destrói os serviços públicos, especialmente aqueles voltados para a

grande maioria da população como saneamento, saúde e educação.

Com a eclosão da pandemia, os Estados capitalistas ficam, de repente, nus. Eles acabaram com a saúde pública, caso mais impactante dos EUA, com o neoliberal Trump, que tal qual seu fiel seguidor Bolsonaro, achava que era uma "gripezinha" viu a hecatombe a partir de Nova Iorque, com milhares de infectados e centenas de mortos em poucos dias, tendo que abandonar assustado os princípios neoliberais. Destinando trilhões de dólares para conter o caos, por ter destruído o sistema público de saúde, tendo inclusive que pedir socorro aos dirigentes comunistas da China, que com medidas duras de isolamento, a partir de Wuhan contiveram o pior e três meses depois volta à normalidade, assim como a Coreia do Sul e outros países da região. O Japão tentou minimizar a crise e agora adota medidas duras de isolamento. O Brasil, como todos esses países, teve que rever suas políticas neoliberais suspendendo a "PEC do Fim do Mundo" aprovada pelo Congresso Nacional, que congelava os gastos públicos por 20 anos e aprovando às pressas, com o parlamento "online", a "PEC de Guerra" suspendendo as restrições aos gastos públicos. Inicialmente, destinando R\$200,00 para os desempregados e subempregados, tendo a oposição, que é minoria na Câmara Federal, aumentado para R\$500,00 e depois o governo Bolsonaro aumentaria para R\$600,00 por três meses a ajuda financeira do Estado. No bojo dessas medidas, o Estado destina 1,3 milhões de reais para salvar bancos e empresas privadas.

O drama que estamos enfrentando no Brasil com o isolamento social revela que não temos estrutura de saúde para suportar o incremento descontrolado da infecção, por ter o Estado congelado os gastos públicos. No final de 2019, vimos os cortes de repasse para as instituições de ensino superior, foi a pronta reação da comunidade universitária que fez o governo recuar, porém isso não impediu o estrago anterior que está se revelando agora com os cortes de investimentos nas pesquisas e nas bolsas. Não houve expansão do SUS e sim corte de recursos que só não foi mais grave devido a participação de Estados e Municípios. Agora, após o impacto do COVID-19, parece que a sociedade começa a perceber a importância da ciência, do SUS e da Universidade.

A lição que fica é que poderá surgir uma grande mudança nas relações homem-natureza, nas sociedades e estados.

Aprendemos que o neoliberalismo não tem solução para os graves problemas da humanidade, o que ele nos legou foi um grande desastre

AINDA ESTAMOS EM ATENAS?

Por Por Kelly Pereira de Oliveira

Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida. (Simone de Beauvoir)

Vamos aos fatos: Empregadas domésticas sendo “obrigadas” a trabalharem no período de isolamento do COVID-19 no Brasil – lembrando que a primeira vítima fatal do vírus no RJ foi uma trabalhadora doméstica que não foi informada sobre o fato de sua patroa estar com o vírus. Segundo dados da *Organização Internacional do Trabalho*, elas representam 93% das trabalhadoras domésticas, sendo que diversas delas não possuem carteira assinada ou direitos trabalhistas – esses massacrados recentemente em nosso país. Acrescentamos um outro dado, o de que as mulheres trabalham o dobro dos homens, visto que sua jornada de trabalho é duplicada às tarefas de casa – como cuidar dos filhos, fazer compras, limpar a casa e fazer comida. Segundo dados do IBGE 2018, elas dedicam 21,3 horas semanais à essas tarefas, contra 10,9 horas semanais dedicados por eles.

Outro fato: Segundo relatório da OMC (Organização Mundial da Saúde) as mulheres representam 70% das trabalhadoras do setor social e da saúde. Essas que, além de estarem sobrecarregadas, ainda convivem com a insegurança e o medo do contágio devido às faltas de materiais básicos de segurança nos locais de trabalho. E ainda precisam lutar para garantir direitos básicos, como demonstra o ato realizado por um grupo de trabalhadoras da saúde, na manhã do dia 31 de março em Curitiba. Esse ato foi contra uma medida determinada pela Prefeitura Municipal que deliberou a transferência de todos os partos que seriam realizados na Maternidade Bairro Novo para outros hospitais.

Desrespeitando os direitos básicos das gestantes que estavam com seus planos de parto organizados pelo Maternidade, essa que se configura como centro de referência ao parto humanizado. Segundo a prefeitura, a ação deve “desafogar os leitos” de hospitais, uma vez que os casos menos graves serão encaminhados à Maternidade. E as parturientes? Serão conduzidas aos grandes hospitais, juntamente com o risco – ainda maior – de contágio delas e de seus filhos pelo vírus.

Soma-se a esse quadro de machismo estrutural – característica conscientemente alimentada pelo capitalismo – a violência doméstica sofrida por milhares de mulheres em nosso país, que, segundo a coordenadora de *Defesa dos Direitos da Mulher* (RJ), tende a crescer no período de isolamento, juntamente com a dificuldade de acesso aos

serviços de denúncia e acolhimento de vítimas. Mais uma vez constatamos que em tempos de crise o corpo da mulher continua sendo alvo da violência patriarcal.

Na verdade, o que estamos vivenciamos é o reflexo da ausência de políticas públicas para as mulheres, ou, quando existem, são minimizadas ou “estereotipadas” por figuras políticas que deveriam melhorá-las. Em 2019 o índice de feminicídios subiu 12% em relação ao ano anterior, isso desconsiderando os inúmeros casos de registros incorretos nas delegacias. Convém lembrar que o feminicídio passou a pertencer ao rol de crimes hediondos em 2015 – sancionada por uma mulher. E não podemos esquecer dos “filhos dos feminicídios”, das crianças que ficam “órfãs”, sendo tuteladas por parentes próximos, mas praticamente abandonadas pelo Estado, sem o devido apoio psicológico e uma rede de proteção eficiente. Essa mesma rede que se mostra “vulnerável” ao constatarmos que 70% das vítimas de abusos sexuais são crianças e adolescentes, com os crimes ocorrendo dentro de casa por pessoas que transitam o ambiente familiar, incluindo os próprios responsáveis, o que nos dá a dimensão da cultura de estupro em nosso país.

Nas ruas e locais de trabalho, as mulheres ainda estão lutando para que a sociedade compreenda o significado da palavra assédio, cotidianamente vivenciado nos espaços coletivos, praticados por estranhos, mas também por colegas de trabalho e chefes. Juntamos a isto a desigualdade salarial, em estudo realizado pela Oxfam Brasil (2018), as mulheres chegam a ganhar até 40% menos do que os homens. Esse triste cenário só reverbera o total descaso das políticas públicas e igualitárias no território brasileiro. Vale lembrar que em 2019 o Brasil ocupava a 92ª posição no ranking global de desigualdade de gênero, e na 22ª posição entre os países da América Latina e do Caribe. Esses dados só reforçam a necessidade da luta das mulheres, de um Movimento Feminista que abarque a todas, não abandonando nenhuma no meio do caminho. Um movimento que possa desestruturar e superar o sistema, e não apenas fortalecer e/ou enfeitar as suas colunas. Como salientam as pensadoras Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser, em seu *Manifesto para os 99% (2019)*, a violência de gênero não representa uma anomalia no sistema capitalista, na verdade ela é uma condição sistêmica. Manter a desigualdade de gênero, classe e raça faz parte de um único e mesmo sistema que necessita de hierarquias estruturais para continuar existindo. Até quando, não sabemos.

Participe do Jornal

ENVIE SEU ARTIGO PARA

jornalsisifo@gmail.com

Editores: Geraldo Balduino Horn e Alexander Machado